

# UNIDADE DE DOCTRINA E PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ESCRITOS DE HOLLANDA LOYOLA (1939-1944)

## UNIT OF DOCTRINE AND PEDAGOGY OF PHYSICAL EDUCATION IN THE WRITINGS OF HOLLANDA LOYOLA (1939-1944)

Felipe Quintão de Almeida\*

---

### RESUMO

O artigo trata da produção intelectual de Hollanda Loyola na *Educação Physica*, impresso no qual ocupou o cargo de diretor-técnico entre os anos de 1939 e 1944, consagrando-se como seu principal e mais produtivo redator. Opera um recorte em seus escritos de modo a destacar: a) o esmero na defesa de uma **unidade de doutrina** para a educação física brasileira; b) a discussão sobre o lugar da ginástica e do esporte nos programas de educação física escolar e sua pedagogia. Finaliza situando essas duas chaves de leitura em relação a algumas teses já conhecidas no âmbito das pesquisas em história da disciplina no Brasil.

**Palavras-chave:** *Unidade de doutrina. Ginástica. Esporte.*

---

### INTRODUÇÃO

Um caminho profícuo para se compreender a organização do pensamento educacional de uma época é recorrer à produção intelectual de personalidades importantes do período (e do campo) que se pretende estudar. No âmbito da Educação Física, essa tem sido uma estratégia recorrente nas investigações sobre sua história em nosso país. As obras de intelectuais como Rui Barbosa, Fernando de Azevedo, Manuel Bonfim, Lourenço Filho e Inezil Penna Marinho, para citar os mais exponenciais entre eles, foram estudadas por inúmeros autores (Pedro Paulo Pagni, Silvana Goellner, Amarílio Ferreira Neto, Victor Melo, José Tarcísio Grunennvaldt, Omar Schneider, Ana Carrilho Grunennvaldt, Célia Carvalho do Nascimento, etc.) interessados na compreensão do itinerário da Educação Física como componente curricular das escolas brasileiras no século XX.

A despeito dos avanços obtidos nessa direção, ainda existem muitos intelectuais cuja produção foi pouco explorada entre nós. Esse é o caso, por exemplo, de Hollanda Loyola,

professor de Educação Física responsável pela direção técnica, entre os anos de 1939 e 1944, da revista *Educação Physica*, periódico publicado pela Companhia Brasil Editora que circulou em território (inter)nacional entre os anos de 1932 e 1945 (vamos manter aquela grafia do nome da revista, embora tenhamos clareza de que, a partir do número 28/29 [mar./abr. 1939], ela passou a ser grafada como *Educação Física*. Respeitaremos, também, a grafia da época em outras passagens). Malgrado os muitos **usos e interpretações** já realizados desse impresso e sua apropriação (CHARTIER, 1991) na Educação Física brasileira, seja como **fonte**, seja como **objeto** (confirmam-se, especialmente, os trabalhos de Magali Afonso Lima, Sônia de Deus Bercito, Silvana Goellner, Edvaldo Góis Júnior e Omar Schneider), a investigação que realizamos objetivou uma atenção mais cuidadosa nos artigos daquele que viria a ser seu principal diretor técnico e mais produtivo redator: Hollanda Loyola. O esmero nos seus escritos se justificaria, pois, conforme destacaram Souza Neto et al. (2006) e Schneider (2003), o êxito dessa revista esteve

---

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina (CED/UFSC). Professor Mestre da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF/CEFD/UFES).

profundamente associado ao nome desse diretor, que se tornou a pessoa-chave de publicação durante o período de maior estabilidade do periódico, sendo responsável pelas matérias de abertura e por grande parte do que foi publicado entre os anos de 1939 e 1944. A importância por ele assumida no periódico foi ressaltada, inclusive, fora do Brasil, como evidencia o excerto publicado na revista *Nueva Era*, de Quito, Equador, e reproduzido no tópico **Conceitos que nos estimulam**, da própria revista *Educación Physica*:

En el dilatado panorama de la educación brasileña, interesante por la capacidad cultura y técnica de sus educadores y también por la intensidad que en estos últimos tiempos si ha dado a las labores de experimentación, en ese panorama sugestivo tiene un sitio prominente Hollanda Loyola. [...] Hollanda Loyola es hoy una de las autoridades más conocidas y distinguidas en este campo. Es director de la mejor revista de educación física de América Latina. Cuenta con el respaldo de iniciativas perseverantes. Ha escrito tratados y monografías sobre la materia. I, lo que es más, tiene una cultura general muy dilatada y ella le permite ver más claros e más ennoblecidos los fines e directivas de las disciplinas que él cultiva en relación con la educación física (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1942, p. 60).

Não bastasse sua atuação competente à frente de *Educación Physica*, foi inspetor de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde (MEC), presidente do Departamento de Educação Física Superior da Associação Brasileira de Educação Física (ABEF) e diretor do Departamento de Educação Física da Universidade da Capital Federal, acrescentando em seu currículo, ainda, a autoria de dez livros, todos eles publicados também pela Companhia Brasil Editora e amplamente divulgados em *Educación Physica*, fatos que contribuem para fazer de Loyola uma referência importante para a Educação Física na transição dos anos de 1930 para os anos de 1940.

Na revista tomada como corpus documental de nossa pesquisa (CATANI; SOUZA, 1999), Loyola assinou 129 artigos. Após seleção,

leitura e categorização de todo esse material por ele publicado, operamos um recorte em seus escritos, de modo a destacar: a) a defesa da unidade doutrinária para a Educação Física brasileira, tomando como ponto de partida, para essa exposição, a decisão editorial de se publicar nas páginas do impresso a seção **Lição de Educação Física**; b) a discussão sobre o lugar da ginástica e do esporte nos programas de Educação Física escolar e sua pedagogia. Finalizamos situando essas duas chaves de leitura em relação a algumas teses já produzidas no âmbito das pesquisas em história da educação física no Brasil, em especial aquelas que tomaram a revista *Educación Physica* como *fonte* ou como objeto.

#### O DIRETOR-TÉCNICO EM AÇÃO: LIÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E UNIDADE DE DOUTRINA NA EDUCAÇÃO FÍSICA NACIONAL

Quando Loyola foi convidado para ser redator de *Educación Physica*, no ano de 1939, o periódico contava em seu quadro com o trabalho de Paulo Lotufo, Oswaldo Murgel Rezende e Roland de Souza como seus editores/diretores. Não foi possível identificar, na fonte investigada, as motivações que levaram à eleição de seu nome para assumir tal cargo. Entendemos que essas razões estivessem de acordo com o propósito daqueles editores/diretores de aglutinar em torno da revista personalidades importantes e capazes de agregar capital simbólico ao periódico, estratégia, como destacou Schneider (2003), já empregada no convite a outras figuras notórias da **causa** da Educação Física nacional. O fato é que ele assina seu primeiro trabalho na edição de n. 33, em agosto daquele ano. No número seguinte, em setembro de 1939, pode-se notar a atuação de seu mais novo diretor técnico (passa de redator a essa função em apenas um número) com a criação de dois novos espaços na revista: o primeiro, denominado **Seção de consultas**, destinava-se a responder “[...] qualquer consulta que nos for feita sobre Educação Física, desportos e assuntos correlatos. Correspondência para Hollanda Loyola, diretor-técnico de ‘Educação Física’, rua do Rosário, 1º andar” (LOYOLA, 1942a, p. 61). Essa seção foi

publicada 45 vezes, tendo como signatário o professor Loyola em 36 oportunidades (nas outras 9 vezes não foi possível identificar o autor, embora suspeitemos que seja o próprio Loyola). A idéia dessa seção consistia em sanar as dúvidas dos leitores sobre assuntos relacionados com aquelas temáticas mencionadas, criando uma via de comunicação direta entre os editores da revista e seu público leitor - uma estratégia editorial bastante inteligente para um veículo que pretendia, desde seu advento, transformar-se no principal porta-voz da Educação Física no meio civil, coadjuvando o governo e as instituições particulares na execução de seus programas de Educação Física.

Além da criação dessa seção, sua entrada no periódico corresponde ao surgimento, a partir da edição 35, de uma “[...] série de Lições de Educação Física para as vossas escolas de acôrdo com o programa de ensino do Ministério da Educação. Em cada número publicaremos uma lição com as respectivas sessões de estudo destinada a cada grão de cada ciclo - H. L” (LOYOLA, 1939b, p. 62). Das 28 **Lições de Educação Física** publicadas, entre os n.<sup>os</sup> 35 e 62 da revista (portanto, entre 1939 e 1942), Loyola deixou sua assinatura em 14 delas. Das 14 lições restantes, 13 não são assinadas, enquanto uma designa como autor apenas a letra “R”, o que permite a suspeita recair sobre o já mencionado Roland de Souza, diretor do impresso no período de 1936 a 1941. Tais lições eram um meio de facilitar o método de ensino, como sobejamente conhecido, regulamentado pelo Exército brasileiro para a prática da Educação Física nos meios militar e civil. Revestia-se de grande importância, pois, segundo as palavras do próprio Loyola (1940d, n. 45, p. 33), a primeira preocupação que o professor “[...] deve ter ao iniciar-se o ano letivo é organizar o plano geral de lições para o referido período de ensino”. Esse plano deveria ser organizado para um semestre e

[...] conterá no mínimo dez lições completas com tres sessões de estudo para cada lição e seis ou mais sessões de grandes jogos; as lições serão organizadas de maneira a conter o maior numero possível de elementos do Método e obedecerão às características

de *gradação, continuidade, alternativa de esforços, atração e disciplina* previstas pelas bases pedagógicas; organizar-se-á um plano de lições para cada grão de cada ciclo: caso o colégio disponha apenas de três dias na semana para a Educação Física, nos dois primeiros dar-se-ão sessões de estudo e no terceiro dia uma lição completa, de quinze em quinze dias dar-se-á uma sessão de grande jôgo; caso o colégio disponha de maior numero de dias por semana aumentar-se-á o numero de lições completas e dar-se-á uma sessão de grande jôgo por semana; logo que as turmas tenham passado em revista um grande numero de elementos do Método diminuir-se-á o numero de sessões de estudo e aumentar-se-á o número de lições completas; o plano semestral de lições deve ser dividido em programas mensais e estes em programas semanais, deixando-se margem para alterações imprevistas, motivadas por mau tempo, festas, outros programas, etc.; completando o plano semestral deve ser elaborado programa para as preleções de higiene, fisiologia e anatomia, as quais devem substituir os exercícios físicos nos dias de mau tempo; o programa para cada semana deve ser escrito antecipadamente em livro especial onde se registrará depois de ministrado o ensino a freqüência dos alunos, as alterações verificadas, outras observações necessárias ao aperfeiçoamento do ensino; todos os professores devem conhecer de antemão as lições do plano afim de que as executem rigorosamente e não se entreguem a improvisos prejudiciais á unidade de direção e á eficiência do ensino (LOYOLA, 1940b, p. 56).

As **Lições de Educação Física** ofereciam, dessa maneira, um guia completo de como o professor deveria realizar suas aulas, discriminando a idade adequada para sua aplicação, a duração da lição, o local mais apropriado para sua realização, o processo do ensino bem como seu regime (imitação, comando ou dramatização), este sempre dividido em três momentos: a seção preparatória, a lição propriamente dita e a volta à calma. Os

conteúdos, objetivos e regimes das lições variavam conforme o ciclo a que estas se referiam, abrangendo prescrições desde a primeira infância (0 a 3 anos), de responsabilidade dos pais, até o ciclo superior (18 a 36 anos). Os jogos, considerados como elementos de atração, também eram utilizados conforme as características pedagógicas da lição e se remetiam a uma das sete formas de trabalho (marchar, trepar, saltar, levantar-transportar, correr, lançar e atacar e se defender) que compunham a lição propriamente dita. Nesse processo, o professor teria a obrigação de tornar as lições atraentes e movimentadas. Sendo o professor

[...] enérgico nas ordens e dócil no trato, disciplinado e disciplinador, dotar-se-á de instrução que impressione e de moral que convença, constituindo-se num exemplo que se recomende à sociedade, que se torne digno de ser imitado pelos alunos (LOYOLA, 1941c, p. 30).

A publicação de uma seção com esse formato não chega a ser uma decisão editorial inédita à época, pois a Revista de Educação Física, então órgão divulgador da “[...] doutrina escolar dos seus princípios da educação do corpo sob os seus múltiplos aspectos” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1936, p. 2), desde 1932 reproduzia, em suas páginas, uma seção que, com algumas variações terminológicas, tinha formato semelhante àquele presente em Educação Physica. Segundo podemos depreender da análise já existente sobre essa seção na revista da Escola de Educação Física do Exército (FERREIRA NETO et al., 2003), as lições veiculadas no impresso militar tinham basicamente duas orientações: uma voltada especificamente para os militares e outra destinada aos escolares, o que implicava diferenciações na metodologia, nos objetivos, nos conteúdos empregados, etc. (ressaltamos a ausência de lições destinadas ao ciclo superior nesse impresso). Segundo as análises que realizamos, foi esse segundo tipo o que se reproduziu nas páginas de Educação Physica.

Além de expressar um clima geral de cooperação entre militares e civis em prol da

causa da Educação Física no País, a iniciativa de Loyola de publicar uma lição já presente em outro periódico testemunha sua preocupação com um tema candente à sua época: a premência de uma **unidade de doutrina** no ensino da Educação Física brasileira (não curiosamente, esse imperativo dá título à outra seção da revista publicada pelos militares: **Unidade de doutrina**). Além de adepto fervoroso do Método Francês (matriz teórica da Escola de Educação Física do Exército, “o grande centro de irradiação doutrinária”, em seus termos), Loyola (Essa idéia não aparece somente num único artigo de Loyola, de modo que evitei discriminar ano e página nesta menção) veicula e defende, em inúmeros de seus textos, essa premissa (militar): precisamos de unidade de doutrina (ele não estava sozinho nessa empreitada, pois muitos intelectuais civis, tais como Fernando de Azevedo e Inezil Penna Marinho, por exemplo, foram convidados a escrever sobre essa desejosa unidade doutrinária nas páginas da própria revista do Exército). Já em seu primeiro artigo publicado na Educação Physica, um número antes (edição 33 de 1939) de A Lição de Educação Física se reproduzir no impresso, Loyola afirmava a urgência de se estabelecer na Educação Física uma “[...] unidade de doutrina imprescindível aos grandes empreendimentos da educação” (LOYOLA, 1939a, p. 10).

Essa necessidade tornava-se ainda mais imperiosa, aos seus olhos, devido à falta de uma organização adequada quanto à forma correta de orientar e executar o ensino que competia aos professores de Educação Física, garantindo, assim, o eixo pedagógico do Método Francês, tornado oficial entre nós no ano de 1931: **sua continuidade, alternância, graduação, atração e disciplina**. Embora estivessem em vigor, na legislação educacional, os programas de Educação Física baseados no Método Francês, nas descrições fornecidas por vários textos de Loyola encontram-se evidências de que muitos professores eram ainda autodidatas, enquanto alguns outros possuíam cursos de métodos diferentes do oficial e outros mais se adaptaram por meio de revalidações ou por cursos de urgência. Não causa espanto, em função dessa falta de uniformidade, observar, entre os próprios professores, a inclinação de orientar a prática de acordo com as predileções pessoais, o

que torna realmente difícil afirmar, segundo Loyola, qual o método de ensino realmente adotado no interior das escolas. A tendência geral é transformar os gostos pessoais no exclusivismo das especializações, que restringem ou deformam a aptidão do indivíduo, prejudicando, assim, a regeneração do povo e sua educação integral para Loyola, objetivos primordiais da Educação Física. Como resultado dessa indisciplina doutrinária, “[...] as falhas são bem graves e a teoria fracassa. É que o processo adotado não corresponde àquela necessidade, e a Educação Física se desenvolve mais ou menos empírica em sua pedagogia. [...] Conseqüência – Educação Física empírica com fantasia de científica” (LOYOLA, 1941b, p. 26). Essa desordem doutrinária estabelece, entre as diversas instituições educacionais, divergências profundas, dificultando à juventude a compreensão do “verdadeiro” sentido do ensino que se ministra a ela:

Isto é conseqüência do comodismo habitual da improvisação – o professor não organiza com antecedência as suas lições e deixa tudo para as soluções apressadas de última hora. O resultado desse processo é sempre desastroso para a Educação Física – os alunos não aprendem todos os elementos do Método, não adquirem a disciplina da progressão do esforço, não desenvolvem todas as qualidades previstas pelo conjunto dos exercícios, prejudicam-se na continuidade do aperfeiçoamento físico, acabam enfasiando-se pela repetição monótona dos mesmos exercícios. O registro criterioso da instrução remove todos esses empecilhos e esses prejuízos, dando ao professor maior disciplina didática e tornando o ensino mais científico, racional e proveitoso. [...] Adote-a e verificará dentro em pouco a vantagem dos seus resultados numa esplêndida demonstração de ordem, método e organização que muito recomendará o seu processo de ensino (LOYOLA, 1940d, p. 33e-76).

Não bastasse essa desorientação geral no emprego do Método Francês (a falta de unidade), a aplicação do **Regulamento número sete** (Método Francês) às realidades

educacionais não estava isenta de críticas. É notória a crítica que a **Associação Brasileira de Educação** (ABE) a ele destinava por seu suposto caráter (militar), inadequado à educação das crianças. O professor Inezil Penna Marinho também o criticava, pois desejava a construção de um método genuinamente nacional de Educação Física (biossocial, psicológico e fisiológico) que se contrapusesse ao caráter anatomofisiológico predominante no Método Francês, argumentando, ainda, que os jogos, então concebidos nesse método apenas como elementos de atração, eram as atividades mais apreciadas pelos alunos quando da execução da lição. A fonte analisada oferece evidências de que, nessa celeuma, Loyola retoma um argumento muito semelhante àquele presente na apresentação oficial que o Exército elabora, quando traduz o **Regulamento número sete** para o País. Tal como expresso nessa apresentação do Método Francês (ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO, Trata-se da apresentação contida na tradução do Método Francês para o Brasil. Não está assinado por alguém em especial, mas nos remete ao Estado Maior do Exército. O que fazer? 1934), Loyola também é favorável à criação de um método nacional que atente às características de nossa raça e de nosso clima, que consulte de forma imediata os interesses de nossa formação político-social e que se integre, pelas bases de sua aceitação unânime, à eugenia da raça e ao plano geral da educação em voga. Para tanto, mostra-se “[...] partidário e defensor convicto de experiência bem conduzida e de tirocínio metódico, das pesquisas prolongadas e dos estudos seguros” (LOYOLA, 1941a, p. 9). Entende, contudo, que ainda é muito cedo para se “[...] cogitar a criação de um método nacional com esses ares dogmáticos de reformador intransigente” (LOYOLA, 1941a, p. 9). As críticas apressadas, a improvisação incoerente e os anseios dos reformistas apenas estorvam o trabalho que, com dificuldades, apenas começa a se realizar nas escolas brasileiras, destruindo em vez de construir, confundindo em vez de orientar: “Querem novas reformas e precipitam suas doutrinas” (LOYOLA, 1941a, p. 9). Entre o texto contido na apresentação do Regulamento número sete pelos militares e as propostas reformistas (entre as quais se situava a de Inezil

Penna Marinho), Loyola não deixa dúvidas de que lado está, ao defender a necessidade – a despeito das críticas existentes – de empregarmos, com maior afinco e seriedade, o método adotado oficialmente pelo MEC (Método Francês), pois ele é a base para a construção futura de um método brasileiro. Ao invés dessa precipitação corrente, Loyola entende novamente que devíamos observar

[...] unidade de doutrina, método de trabalho e disciplina de ação; que todos sigam as prescrições vigentes do sistema de ensino adotado num serviço uniforme, numa aplicação honesta; que se observe com segurança, colham-se dados positivos, trabalhe-se com afinco, dedicação e fé. – Como poderemos cuidar da elaboração de um método de Educação Física si não temos a experiência de nenhum? Si nunca realizamos nenhum trabalho de vulto sobre o assunto? Por ventura bastarão as digressões teóricas para firmar a excelência de um método de ensino dessa natureza? Sim! Precisamos de um método nacional, mas por enquanto pratiquemos a Educação Física, orientemo-la e estudemo-la! O método será o fruto da nossa experiência e dos nossos estudos. E a unidade de doutrina, reiteramos, assegurar-nos-á o bom êxito dos nossos trabalhos e assim realizaremos, numa conquista promissora, o grande método nacional de amanhã (LOYOLA, 1941a, p. 9).

Nos escritos de Loyola, portanto, a ausência da unidade doutrinária, na utilização do Método Francês, não apenas compromete a construção do método nacional de amanhã como é desastrosa para a necessária formação física, moral e intelectual da mocidade brasileira. Para atingir essa finalidade de múltiplos aspectos, é importante que a Educação Física não sofra fracionamentos e divisões contrastantes, mas que seja caracterizada pela mais rigorosa unidade de doutrina e pela mais perfeita harmonia de direção. Nesse contexto, “Ao Estado cabe a obrigação de difundir-la em todas as camadas sociais dentro da mais rigorosa unidade de doutrina” (LOYOLA, 1939b, p. 9, 65). Caso isso seja observado, garantiríamos a melhoria da raça e a educação integral do

brasileiro, assegurando para a Nação o lugar de prestígio e de destaque que lhe compete. E o professor de Educação Física, convicto da alta significação do seu dever, “[...] terá contribuído de forma edificante para a realização desta obra meritória e as gerações do futuro abençoarão o seu esforço anônimo mas perseverante e digno, nobre e construtor” (LOYOLA, 1941b, p. 70).

#### ENTRE A GINÁSTICA E A PRODUÇÃO DE UMA FORMA ESCOLAR PARA O ESPORTE: PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM HOLLANDA LOYOLA

É bastante conhecida a disseminação das práticas esportivas entre os habitantes da cidade (especialmente Rio de Janeiro e São Paulo) a partir do último quartel do século XIX e décadas iniciais do século XX (MELO, 2001; LUCENA, 2001; SEVCENKO, 1992, 1999; FRANCO JÚNIOR, 2007). Com sua proliferação e popularização nos mais remotos espaços da cidade, os esportes vão, paulatinamente, perdendo a marca elitista de outrora, tornando-se cada vez mais caracterizados, por intelectuais (educadores, jornalistas, literatos, médicos, etc.) e políticos de plantão, como importantes artífices (muito mais do que a ginástica) no projeto de (re)invenção da identidade nacional. Embora a literatura demonstre não ser unívoca a posição desses intelectuais a respeito do potencial civilizacional dos esportes (PAGNI, 1997; PEREIRA, 2000), importa destacar que o advento de uma **cultura esportiva** nas principais cidades do País vai alimentar, especialmente a partir da década de 1920, uma discussão pedagógica fundamentalmente interessada em analisar as potencialidades educativas do fenômeno esportivo nas cidades em modernização e sua escolarização/pedagogização (PAGNI, 1997).

Assim, Loyola, homem atento às principais celeumas e questões de seu tempo, posicionou-se a respeito da produção de uma **forma escolar para o esporte** no Brasil (LINHALES, 2006), procurando também **legislar** sobre os tempos, os espaços e os sentidos destinados à prática esportiva nos programas de Educação Física em curso no País (uma postura plenamente legítima para alguém profundamente preocupado com a unidade doutrinária no ensino da disciplina).

Para tanto, vai defender a tese de que o esporte e a Educação Física, embora correlatos, constituem processos diferenciados de **educação do corpo**, sendo o primeiro concebido **apenas como um dos elementos** que definem a presença da disciplina nas escolas, para ele assim constituída: a) a Educação Física propriamente dita, que compreende as sessões de estudo, as lições completas e as sessões integradas por evoluções, flexionamentos educativos, aplicações e jogos; b) os desportos individuais e coletivos (terrestres e aquáticos); c) a medicina aplicada à Educação Física. Para que os colégios consigam triunfar nessa organização, eles deveriam abrigar um **Departamento de Educação Física** que, subordinado à direção técnica da instituição, controlaria e dirigiria todos os trabalhos relativos à disciplina. Esse departamento, por sua vez, seria constituído de três divisões, relativas àquelas três dimensões que dão forma à Educação Física escolar para Loyola (1940b) a Divisão de Educação Física, a Divisão de Esportes (ambas com uma seção masculina e outra feminina) e a Divisão de Medicina Especializada, subdividida na Seção de Exames e Assistência, Seção de Controle e Estatística e na Seção de Ginástica Médica. O programa de ensino, conforme essa organização do departamento, abrangia: a) o plano de lições (já discutido); b) os concursos e exposições; c) o treinamento esportivo. Pelo exposto no tópico anterior, é fácil deduzir que as tarefas concernentes aos responsáveis por uma dessas divisões não poderiam ser realizadas sem unidade de doutrina,

[...] sob pena de comprometer seriamente o prestígio da Educação Física, seus benefícios salutar, seu alcance educativo, sua eficácia no aperfeiçoamento do indivíduo e no melhoramento da raça. Por outro lado tal fraccionamento na execução de tais tarefas acarreta serias inconveniências sob o ponto de vista pedagógico e administrativo; as primeiras representadas pela inevitável divergência de princípios, de orientação e de conduta prejudicial a observação uniforme de preceitos e de regras inerentes a uma educação perfeita; as segundas representadas pela ausência

de hierarquia e de unidade de direção responsável por conflitos de ordem disciplinar e pela irregularidade dos programas de trabalho (LOYOLA, 1940b, p. 50)

Os concursos e exposições constavam de demonstrações públicas de caráter recreativo e social, com o intuito de mostrar a eficiência da Educação Física e, ao mesmo tempo, dar aos responsáveis a possibilidade de averiguar o aproveitamento dos alunos nas práticas. Elas deveriam ocorrer perto do fim de cada período letivo, momento em que o colégio organizaria uma grande demonstração de Educação Física e uma grande competição esportiva na qual figurassem todos os esportes praticados na escola. Para tanto, todos os procedimentos deviam ser realizados com bastante antecedência, de modo que fossem previstos os menores detalhes e os alunos fossem treinados cuidadosamente com o objetivo de que “[...] os trabalhos atinjam o seu principal objetivo, isto é, - impressionar favoravelmente” (LOYOLA, 1940b, p. 56).

Em relação ao treinamento desportivo, Loyola defendeu a idéia de que aquela prática, nos tempos e espaços escolares, seria dirigida por um técnico no ensino (instrutor), que, identificado com os problemas da disciplina, teria sob sua responsabilidade a elaboração de um plano de instrução e do calendário esportivo:

O plano de instrução consta de sessões de estudo do esporte em apreço, preparo individual dos jogadores, preparo coletivo dos quadros, formação dos juizes e auxiliares de treinamento, aulas teóricas sobre técnica esportiva, higiene, alimentação do atleta e conduta esportiva. O plano de instrução será mensal contendo a distribuição gradativa das sessões de estudos, das lições completas e das aulas teóricas; organizar-se-á para cada aluno uma ficha esportiva na qual se anotarão os treinos, os resultados obtidos, o progresso e a capacidade do instruendo, suas qualidades atléticas, dados esses que servirão para selecionar os alunos de acordo com a modalidade do esporte a que melhor se adaptem e na qual sejam mais eficientes [...]; como na Educação Física, toda a instrução

esportiva deve ser registrada em um livro especial; [...] O calendário esportivo de um colégio, que deve ser mensal, constará das competições desportivas internas e externas possíveis de serem realizadas no mês; no calendário devem ser mencionados os quadros e suas reservas, dia, hora e local da competição, a entidade adversária, etc; essas atividades devem ser previstas de maneira a não prejudicar as demais atividades escolares, escolhendo-se para isso dias apropriados sempre com uma margem para possíveis alterações (LOYOLA, 1940b, p. 51).

A condução desse treinamento, todavia, estaria subordinada às atividades do professor diplomado responsável pela **Divisão de Educação Física** na escola, pois Loyola tinha como pressuposto que as práticas esportivas, para serem fisiológicas, racionais e saudáveis, exigiam uma criteriosa preparação física anterior, suficiente para tornar os alunos aptos a assimilar as dificuldades e táticas do esporte escolhido e, de quebra, “[...] tornar o seu organismo capaz de uma resistência maior e de um maior rendimento; esse preparo físico, gradativo e metódico, adquire-se pela prática judiciosa dos exercícios integrantes da Educação Física propriamente dita” (LOYOLA, 1940b, p. 51). Não surpreende que, nos programas de Educação Física,

[...] deve predominar a ginástica propriamente dita, porque só ela pode presidir com segurança o desenvolvimento harmônico do corpo, a amplitude uniforme das funções orgânicas e a coordenação de todos os movimentos, sem assimetria e disfunções. Os desportos só devem entrar nas atividades físicas da escola depois que os alunos tenham sido submetidos a uma criteriosa preparação física capaz de suportarem essas práticas desportivas sem o risco de deformações morfológicas ou distúrbios funcionais (LOYOLA, 1942c, p. 27).

A defesa da ginástica como fundamento de todos os programas de Educação Física não significava um menor apreço pela prática

esportiva. Bem ao contrário desse entendimento, Loyola (1940b, n. 38, p. 50) compreendia os esportes como “[...] atividades superiores empregadas como um coroamento da Educação Física, como a última etapa do aperfeiçoamento físico do indivíduo”, desde que, entretanto, dele fizéssemos “[...] um complemento da educação integral de nossa mocidade, não uma profissão, mas um processo sadio para a eugenia da raça e para a elevação moral de nosso povo” (LOYOLA, 1940e, n. 46, p. 9). O esporte amador, **modo escolar de socialização** (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001) defendido por ele, cumpriria, assim, um papel preponderante na educação da mocidade patriciana, sendo considerado a mais “[...] alta expressão da atividade física como processo educativo; eles agem duplamente sobre o físico e sobre o moral, desenvolvem a resistência ao lado da têmpera de caráter; é mister, pois, que não se lhes deturpe esse extraordinário conteúdo educacional” (LOYOLA, 1941c, n. 59, p. 9). Na nota **Pela elevação do esporte**, Loyola (1942b, p. 56) solicitava aos leitores que não se esquecessem de:

[...] que o esporte é um processo educativo; com a sua prática pretendemos melhorar o físico e elevar o moral do indivíduo proporcionando-lhe as condições de uma vida sadia e eficiente, de um caráter digno e exemplar. Quando o foge a esta alta finalidade, perde a sua razão de ser, torna-se um elemento perigoso à educação, é prejudicial à mocidade. O que deve caracterizar o emprego do esporte é a harmonia entre o desenvolvimento das qualidades físicas e o aperfeiçoamento das qualidades morais; quando este equilíbrio se rompe, é mister sustar a prática do esporte pelo bem da coletividade. Esse princípio deve estar sempre presente no espírito do instrutor, a quem cumpre custodiar a elevação moral do esporte como processo de educação da mocidade.

Essa ponderação estava plenamente conforme a letra da lei que regulamentou, naquele momento, a prática dos esportes no Brasil: o Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Na representação do

**legislador**, representado pelo Conselho Nacional dos Desportos (CND), associava-se o amadorismo ao educativo e excluía-se o profissionalismo por ausência intrínseca de moralidade (moralidade entendida aqui como a socialização no sentido da harmonia social, da adequação individual às necessidades da coletividade, da Pátria) (MANHÃES, 2002). Não é outro o motivo pelo qual seria necessário estabelecer limites bem claros entre essas “[...] duas formas de praticar o esporte – o que se desvirtuou em profissão e o que se enalteceu em processo educativo. [...] Elevemos e nobilitemos o esporte difundindo o amadorismo e extirpando o profissionalismo, para o qual não existe justificativa aceitável” (LOYOLA, 1941a, p. 9).

O conteúdo da **beleza olímpica** imanente ao amadorismo não se restringia à observação forçada das regras do jogo, das convenções estabelecidas ou das leis comuns às competições atléticas; ao contrário, ela exigia um conjunto de princípios que não poderiam ser esquecidos na prática do esporte nas escolas: a consciência da disciplina, da justiça, o senso de responsabilidade, o altruísmo, a fidalguia, a solidariedade, o cavalheirismo das belas atitudes, os gestos dignificantes (tanto na derrota como na vitória), quer dizer, um conjunto de qualidades morais representadas pelo moderno espírito do *fair-play*. Em suma, tratava-se do caso de saber saborear a vitória sem humilhar os que fracassaram e saber perder sem diminuir a glória dos que triunfaram. Nessas inestimáveis virtudes estaria, para Loyola (1940a, n. 38, trata-se de uma referência indireta), a grandeza moral de uma educação esportiva perfeita, capaz de nobilitar o atleta, prestigiar a sociedade e elevar a Nação no bom conceito dos outros povos. Essas qualidades, todavia, não são espontâneas nos alunos, sendo imprescindível uma preocupação pedagógica no sentido de introduzir, nos programas de treinamento, adequadas preleções sobre moral, conduta e deveres sociais, qualidades estas que deveriam nortear a prática esportiva nas instituições educacionais, e fora delas: sua **forma escolar**.

### CONCLUSÃO

Procuramos demonstrar, neste artigo, algumas estratégias editoriais e algumas prescrições educacionais que tornaram Loyola,

em apenas cinco anos, o mais destacado diretor técnico e o mais produtivo redator da revista Educação Physica. Conferimos especial atenção aos escritos relacionados com a premência de uma unidade de doutrina para a Educação Física nacional bem como com aqueles destinados a pensar o lugar da ginástica e dos esportes no programa de Educação Física escolar. Considerando as reflexões realizadas e o conhecimento histórico acumulado sobre a disciplina no período em que se inscreve o impresso estudado, gostaríamos de concluir o presente trabalho apontando as observações que se seguem.

- Outros estudos que utilizaram Educação Physica como **fonte** ou **objeto** destacaram o fato de o periódico ser um veículo plural de divulgação científica relacionada com a prática da Educação Física, dos esportes ou da saúde. Não somente conviviam harmoniosamente intelectuais civis com opiniões dissonantes sobre assuntos diversos, mas muitos militares foram convidados a opinar, nas páginas do impresso, sobre a Educação Física externa à caserna (a recíproca também é verdadeira, pois vários civis também assinaram artigos no impresso militar, inclusive nas lições destinadas ao ensino da Educação Física, nos seus diferentes ciclos). Expressão dessa cooperação e da boa convivência entre militares e civis em prol da causa da Educação Física nacional é o fato de Loyola, deliberadamente, assumir nas páginas do periódico civil a defesa de um ideal caro ao projeto (pedagógico) dos militares para a Educação Física civil (motivo, aliás, de reflexão na revista do Exército antes mesmo de Loyola sobre ele se pronunciar). A decisão, associada a seu nome, de criar na Educação Physica uma seção dedicada a prescrever a organização do método oficial nas escolas, aliada à publicação de outros artigos **legislando** sobre as qualidades do professor ideal, fez parte desse esforço de proporções nacionais, que pôs lado a lado militares e civis na defesa de um mesmo ideal: doutrina! Esse movimento reforça as evidências já existentes na área (FERREIRA NETO, 1999; GRUNENVALDT, 1998), segundo as quais intelectuais militares e

civis, de diferentes lugares sociais e institucionais, trabalharam em conjunto (diga-se de passagem, antes mesmo do advento do Estado Novo) no sentido de criar as bases legitimadoras da Educação Física como componente curricular, sua escolarização. Além disso, a atuação de Loyola na revista e em outros setores da sociedade ligados à Educação Física demonstra como os intelectuais do nascente campo, mesmo em sua limitada autonomia, tomaram parte nas **lutas de representação** sobre os sentidos da Educação Física na escola (esboçando, assim, os primórdios de uma teoria pedagógica da Educação Física), contrariando a tese, como já alerta Paiva (2004), de que seus atores foram vítimas (do Estado, dos militares, dos médicos, em suma, da modernização conservadora brasileira) no longo processo que culminou com sua escolarização.

- Conforme demonstraram Góis Júnior e Lovisolo (2005), Educação Física reproduziu, sem posicionar-se a respeito, a disputa entre duas diferentes interpretações do Brasil (e seus problemas nacionais) no início do século XX: para os novos intelectuais que entram em cena na década de 1920, as teorias racistas de branqueamento da população – que, desde o século anterior, constituíam a linguagem pela qual era formulada a questão nacional – são relativizadas pela **invenção** de uma nova **tradição**: regenerar a população brasileira por meio da educação e da saúde foi a solução encontrada no sentido de sanar os impasses postos pelos determinismos raciais de nosso povo (sua miscigenação, afinal), a dívida republicana a ser resgatada pelas novas gerações (CARVALHO, 1997). Embora ambas as leituras pretendessem o aprimoramento da saúde coletiva e individual (capaz de suplantar a idéia de um país habitado por um povo doente e incapaz), estabeleciam estratégias diferenciadas: os primeiros propunham a regulamentação dos casamentos, a imigração e a esterilização dos doentes, para selecionar e, assim, aprimorar a degenerada raça brasileira, tendo a Educação Física o papel de promover a integração do físico e do intelectual ou psicológico na

formação do homem integral; os segundos almejavam a democratização da saúde e da educação. Para isso, contavam com a prática da Educação Física, acessível a todos, com o intuito de formar homens regenerados, que dariam origem a sucessivas gerações fortes com a transmissão dos genes adquiridos (GÓIS JÚNIOR; LOVISOLO, 2005). Nos artigos do principal diretor técnico do impresso, também não encontramos evidências suficientes que nos permitem precisar em qual das correntes se apoiou para elaborar suas idéias sobre a regeneração do povo. Se não defendeu argumentos em favor da regulamentação de casamento, da opção imigrante ou da esterilização dos indivíduos de caráter e genética duvidosos, também não explicitou que acreditava na transmissão dos caracteres adquiridos às gerações seguintes. Inquestionável é o fato de que aquelas diferenças teóricas, secundárias quando as situamos no ponto de vista da intervenção e da legitimação social da Educação Física, não foram suficientes para abalar sua convicção de que a criação do **novo tipo brasileiro** estava condicionada à prática regular, sistemática e ordenada da disciplina nas escolas – conforme a unidade doutrinária fornecida pelo Método Francês –, garantindo não apenas a eugenia completa do povo, mas também a construção dos alicerces indispensáveis à educação moral e intelectual da mocidade brasileira (o homem integral), para ele os dois mais altos problemas da forja de uma nova nacionalidade brasileira (LOYOLA, 1940c, n. 41 trata-se de uma referência indireta).

- Os artigos de Loyola não apenas demonstram que o esporte já era um elemento presente no cotidiano das escolas, mas também fornecem elementos para a compreensão da produção de uma **forma escolar para o esporte** (LINHALES, 2006) nas décadas iniciais do século XX. Expressam, nesse sentido, processos normativos estabelecidos para o esporte **a partir da** escola, em que uma **prática social de referência**, o esporte, é transformada para que adquira propriedades próprias aos tempos, espaços, arquiteturas e práticas escolares. Em seus escritos, isso correspondeu à sua pedagogização, no

sentido de oferecer aos alunos possibilidades educativas vinculadas ao amadorismo, cujos valores (morais) estavam associados, como demonstrou Linhales (2007) em outro contexto, à energização do caráter. Essa disposição para o pedagógico e para o educacional, por um lado, foi mais um elemento favorável ao processo de escolarização da disciplina e, por outro, fomentou as condições de possibilidade para que as invenções escolares da prática esportiva, sua **forma escolar**, pudessem influenciar práticas culturais e modos de pensamento que organizam outros campos sociais exteriores aos muros da escola, pedagogizando-os.

- Se tomarmos por base a análise realizada por Schneider (2003) sobre o projeto cultural da revista Educação Physica, e antes dele a investigação de Góis Júnior (2000), fica evidente o lugar ocupado por seu principal diretor técnico no debate que, em sua pluralidade, opôs defensores da ginástica e advogados do esporte na condução daquele projeto. Loyola reproduz, em seus textos, uma posição semelhante à de outro intelectual envolvido naquela disputa: Fernando de Azevedo. Tal como Pagni (1997) e o próprio Schneider (2003) demonstraram em relação aos escritos desse autor, Loyola também entendia que o esporte jamais poderia prejudicar a Educação Física (é apenas um meio da disciplina, não um fim em si mesmo), pois era proibida a prática esportiva a todos os

alunos que não tivessem antes praticado regularmente as lições propriamente ditas de Educação Física, cuja orientação, como vimos, estava contida nas Lições de Educação Física. Embora seja correto afirmar, como fizeram Schneider (2003) e Linhales (2006), que o esporte é o conteúdo de ensino mais profícuo para a realização do ideal educacional fundado na metáfora da **disciplina como eficiência** (CARVALHO, 1997), em Loyola essa premissa pedagógica, encampada pelo escolanovismo a partir de década de 1920, pressupunha a prática racional e metódica da ginástica, cujos pressupostos, como demonstrou Vago (2004), também estavam orientados à produção da **eficiência** corporal. Não bastava praticar o esporte, pois antes precisávamos, com a ginástica, tornar os corpos mais **eficientes e produtivos** para os rendimentos exigidos na prática esportiva. Interpretamos sua posição como um movimento no sentido de, por um lado, preservar o criticado Método Francês na orientação das lições de Educação Física escolar e, por outro, garantir a vigência do ideal com o qual se ocupou durante sua permanência no periódico: unidade de doutrina na prática da Educação Física nacional! Suas prescrições educacionais, assim, contrariavam o processo que, inexoravelmente, culminou com a esportivização da Educação Física escolar, um fenômeno, como sabemos, que ultrapassou as páginas do impresso.

---

#### UNIT OF DOCTRINE AND PEDAGOGY OF PHYSICAL EDUCATION IN THE WRITINGS OF HOLLANDA LOYOLA (1939-1944)

##### ABSTRACT

This paper aims to analyze the intellectual work of Hollanda Loyola, the most productive publisher of the magazine **Educação Physica**, in which he attended as technical director. The results showed: a) a strong defense of a united doctrine to Brazilian physical education; b) a discussion about gymnastic and sport pedagogic role in School physical education; c) the allocation of these two key-lectures in relation to some well known thesis in the research field of physical education history in Brazil.

**Key words:** Unit of Doctrine. Gymnastic. Sport.

---

##### REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-Lei n. 3.199 de 14 de abril de 1941. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 de abr. 1941.  
CARVALHO, M. M. C. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In:

FREITAS, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 269-287.

CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. O catálogo da imprensa periódica educacional paulista (1890-1996): um instrumento de pesquisa. In: CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. (Org.). **Imprensa educacional paulista**

- (1890-1996): catálogo. São Paulo: Editora Plêiade, 1999. p. 9-30.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991.
- EDUCAÇÃO FÍSICA. Conceitos que nos estimulam. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 62-63, p. 60, jan./fev. 1942. Sem autoria, é uma nota da revista.
- ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. **Regulamento de Educação Física**. Rio de Janeiro: Biblioteca de "A Defesa Nacional", 1934.
- FERREIRA NETO, A. et al. Revista de Educação Física: ciclo de vida, seção unidade de doutrina e lição de Educação Física (1932-2002). **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 91-118, jan./abr. 2003.
- FERREIRA NETO, A. **A pedagogia no exército e na escola: a Educação Física brasileira (1880-1950)**. Aracruz: FACHA, 1999.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GÓIS JÚNIOR, E. **Os higienistas e a Educação Física: a história dos seus ideais**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2000.
- GÓIS JÚNIOR, E.; LOVISOLO, H. A Educação Física e concepções higienistas sobre raça: uma reinterpretação histórica da Educação Física brasileiras nos anos 1930. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 5, n. 3, p. 322-328, set./dez. 2005.
- GRUNENVALDT, J. T. O Estado, os sujeitos políticos e a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos: a história de uma hegemonia. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na Educação Física**. Aracruz: FACHA, 1998. v. 3, p. 96-123.
- LINHALES, M. A. A produção de uma forma escolar para o esporte: os projetos culturais da Associação Brasileira de Educação (1926-1935) como indícios para a historiografia da Educação Física. In: OLIVEIRA, M. A. T. (Org.). **A educação do corpo na escola brasileira**. São Paulo: Autores Associados, 2006. p. 93-110.
- \_\_\_\_\_. O Sport no "clima cultural" da década de 1920: a "energização do caráter". In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE; CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2., 15., 2007, Recife. **Anais...** Recife. CONICE: CONBRACE, 2007. p. 1-10.
- LOYOLA, H. Três grandes realizações. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 10, ago. 1939a.
- \_\_\_\_\_. Educação Integral. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 9, 67, set. 1939b.
- \_\_\_\_\_. Educação Física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 9, 65, out. 1939b.
- \_\_\_\_\_. Lição de Educação Física: 3º Grão do Ciclo Elementar. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 62-63, out. 1939b.
- \_\_\_\_\_. Educação esportiva. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 9, 64, jan. 1940a.
- \_\_\_\_\_. Educação Física nos colégios: como organizá-la e dirigi-la em um estabelecimento de ensino. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 50-56, jan. 1940b.
- \_\_\_\_\_. Forja da nacionalidade. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 9, abr. 1940c.
- \_\_\_\_\_. Educação Física infantil: primeira infância – período pré-escolar. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 37-40, abr. 1940d.
- \_\_\_\_\_. Educação Física nos colégios: como organizar o registro geral de instrução. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 33-36, 76, ago. 1940d.
- \_\_\_\_\_. Os primeiros profissionais do esporte. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 46, p. 9, set. 1940e.
- \_\_\_\_\_. Unidade de doutrina. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 50, p. 9, jan. 1941a.
- \_\_\_\_\_. O verdadeiro sentido da Educação Física: como orientá-la dentro do plano geral de ensino da mocidade – observações que o professor deve seguir. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 51, p. 24-26, 70, fev. 1941b.
- \_\_\_\_\_. Conceito de dever no magistério da Educação Física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 27-31, maio. 1941c.
- \_\_\_\_\_. Pelo bom esporte. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 59, p. 9, 31, out. 1941c.
- \_\_\_\_\_. Seção de consultas. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 62-63, p. 61, jan./fev. 1942a.
- \_\_\_\_\_. Pela elevação do esporte. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 65, p. 56, jun. 1942b.
- \_\_\_\_\_. Educação Física infantil: breve notícia sobre a Educação Física nas escolas primárias das principais nações do mundo. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 69, p. 24-27, out. 1942c.
- LUCENA, R. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- MANHÃES, E. **Política de esportes no Brasil**. São Paulo: Graal, 2002.
- MELO, V. A. **Cidade esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- PAGNI, P. Prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1920): cuidados com o corpo, Educação Física e formação moral. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na Educação Física**. Vitória: UFES, 1997. v. 2, p. 59-82.
- PAIVA, F. S. L. Notas para pensar a Educação Física a partir do conceito de campo. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, p. 51-82, jul./dez. 2004. Número especial.
- PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1908)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. O nosso aniversário. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 31, p. 2, maio 1936. A revista não foi usada no todo, somente a página 2. Coloquei esta autoria pois, ao que tudo indica, o artigo foi escrito por algum diretor ou editor da revista, que não se identifica. Acertei também o título do artigo.
- SCHNEIDER, O. **A Revista Educação Física (1932-1945): estratégias editoriais e prescrições educacionais**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 513-619.

SOUZA NETO, S. et al. Educação Physica: revista de esporte e saúde- profissão, história e sociedade. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Org.). **Formação profissional em Educação Física**: estudos e pesquisas. Rio Claro: Biblióetica, 2006. v. 1, p. 201-214.

VAGO, T. M. Da ortopedia à eficiência dos corpos: a gymnastica e as exigências da “vida moderna” (Minas Gerais, 1906-1930). **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 77-97, set./dez. 2004.

VICENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001.

Recebido em 11/05/08

Revisado em 30/06/08

Aceito em 15/07/08

### **Agradecimento**

A Jaison e Ana, pela acolhida!

---

**Endereço para correspondência:** Felipe Quintão de Almeida. Rua Dom João Becker, n. 641, Ap. 101, Distritos dos Ingleses do Rio Vermelho, CEP 88058-600, Florianópolis-sc.  
E-mail: fqalmeida@hotmail.com